

# Introdução

*Linda M. Heywood*

Em 1658, um africano escravizado, que atendia pelo nome de Ignácio Angola, apresentou-se diante da Santa Inquisição estabelecida na cidade de Cartagena. A Inquisição estava coletando evidências para serem apresentadas a Roma para o processo que iria certificar a santidade de Pedro Claver, um padre jesuíta que havia trabalhado entre os africanos da cidade desde 1616 (ele foi finalmente santificado em 1896). Os detalhes que Ignácio apresentou sobre sua vida revelam uma ampla familiaridade cultural com as crenças cristãs e tradições culturais européias. Isso era comum entre muitos centro-africanos escravizados que partiam para as Américas, mas muito raro entre os escravizados originários da África Ocidental. Ignácio testemunhou que foi batizado no reino de Angola, comprado juntamente com um companheiro, Alonzo Angola, e foram levados ambos para Cartagena. Ao chegar, recebeu instruções religiosas adicionais, nas “preces e mistérios”, e foi confirmado na catedral. Desde então, passou os trinta anos seguintes trabalhando ao lado do religioso Pedro Claver.<sup>1</sup> Essa facilidade de integração com o mundo europeu, tanto na África como em Cartagena, caracterizou a experiência de muitos centro-africanos, e isso ajuda a explicar, em parte, por que detalhes das tradições culturais da África Central nas Américas tenham talvez passado despercebidas a muitos estudiosos. Este livro é uma espécie de correção desse tipo de negligência, na medida em que mostra a presença cultural precoce e contínua de centro-africanos na diáspora americana.

---

<sup>1</sup> Biblioteca Nacional da Colômbia (Bogotá), *Process of Saint Pedro Claver*, pp. 133-5.



Esta introdução está dividida em três partes. A primeira traz um levantamento dos rumos gerais da produção acadêmica sobre a diáspora africana desde os primeiros estudos surgidos no começo do século xx até os do final do século. O propósito é mostrar como este livro se encaixa no campo em expansão dos estudos sobre o tema e ainda oferecer uma nova perspectiva em relação a conceitos, áreas de conhecimento e debates com relação aos primeiros trabalhos sobre a diáspora africana. Esta nova perspectiva aponta para dois caminhos: coloca a cultura como um elemento dinâmico neste estudo e muda o foco superenfocado sobre a experiência africana ocidental para incluir a África Central. A segunda parte fornece um quadro demográfico da diáspora da África Central e enfatiza a necessidade de estudos sobre essa região. A última parte guia o leitor para as várias seções do livro, salientando os temas e questões principais que relaciona uns com os outros.

## HISTORIOGRAFIA E TEORIA NA DIÁSPORA AFRICANA

Trabalhos acadêmicos sobre a diáspora africana têm uma longa e interessante trajetória. Diferentemente da história da África, os primeiros trabalhos acadêmicos sobre a diáspora foram escritos por afro-americanos ou foram publicados em periódicos fundados por eles. O acadêmico e teórico das relações raciais afro-americano W.E.B. DuBois pode ser considerado um dos fundadores do campo com a publicação de *The Suppression of the Slave Trade to the United States*, publicado em 1896, como o primeiro volume da série *Harvard Historical Studies*. Duas décadas depois, o fundador do *Journal of Negro History* (1916), Carter G. Woodson, organizou o primeiro fórum acadêmico para estudos sobre a história dos africanos e seus descendentes. Woodson, editor do *Journal* até 1950, fez um esforço concentrado para publicar e promover todos os aspectos das experiências africanas e afro-americanas nas Américas do século xvi até o século xx. De fato, antes do surgimento do *Slavery and Abolition* (1979), o *Journal of Negro History* era o único periódico acadêmico dedicado exclusivamente a pesquisar a diáspora africana. Ele veiculava contribuições de acadêmicos de etnia e nacionalidade variadas e introduzia uma grande diversidade de textos que destacavam as vibrantes tradições culturais das populações descendentes de africanos nas Américas. Além do mais, o exemplo da Universidade Howard de ministrar cursos, desde 1920, sobre o negro nas civilizações antigas e o negro na civilização moderna também ajudou a

institucionalizar o campo da história da diáspora africana.<sup>2</sup> Apesar de pioneira em encorajar essas pesquisas, a Escola da História Negra acabou se concentrando mais na experiência dos Estados Unidos, e mais tarde não teve um impacto visível nas tendências de pesquisas e modelos teóricos que vieram a definir o campo de estudo da diáspora africana. Uma geração posterior de acadêmicos, muitos trabalhando em campos que não o da história e representando várias nacionalidades e etnias, tiveram um papel mais direto em formatar os conceitos e questões que vieram a dominar os escritos da história da diáspora africana.

Os trabalhos dessa nova geração de acadêmicos começaram a surgir durante os anos 1930 até o início dos anos 1950. Entre os mais importantes destacam-se: Rodrigues (1905 [1945]), Ramos, (1934 [1940]), Querino (1932[1988]), Herskovits (1941), Carneiro (1948 [1986]) e Bastide (1960 [1978]), que concentraram seus estudos primeiramente na cultura afro-brasileira. Outros, incluindo Ortiz (1906 [1973]), Price-Mars (1938), Beckwith (1929), Herskovits (1933, 1941), Lachetener (1938, 1940), Beltrán (1946), Turner (1949 [1973]) e Maya Deren (1953 [1970]), exploraram as culturas de comunidades descendentes de africanos nas regiões das Américas de falas espanhola, inglesa e francesa.<sup>3</sup> Esses estudos, todavia, tiveram grandes falhas. Por um lado, muitos dos pesquisadores eram etnógrafos e antropólogos, e (exceto Herskovits) tinham pouco ou nenhum conhecimento de história do tráfico de escravos africanos ou de história africana. E deixaram de consultar trabalhos disponíveis sobre esses temas. Por conseguinte, não se encontra nenhuma referência a trabalhos de acadêmicos franceses como Maurice Delafosse e Charles Monteils, e do alemão Adolph Ihle, ou dos afro-americanos DuBois e Woodson.<sup>4</sup> Muitos desses trabalhos focavam-

<sup>2</sup> Michael Winston, *Howard University: Department of History, 1913-1973* (Washington, D.C.: Department of History, 1973).

<sup>3</sup> Nina Rodrigues, *Os africanos no Brasil*, 3. ed. (Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1945 [1905]; Arthur Ramos, *O negro brasileiro*, 2. ed. (Rio de Janeiro, 1940 [1934]); Manuel Querino, *Costumes africanos no Brasil*, 2. ed. (Recife: Editora Massangano, 1988 [1932]); Melville Herskovits, "On the Provenience of New World Negroes," *Social Forces*, 12 (1933): 247-262; Melville Herskovits, *The Myrth of the Negro Past* (New York: Harper & Bros., 1941); Edison Carneiro, *Candomblés da Bahia*, 7. ed. (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986 [1948]); Roger Bastide, *The African Religions of Brazil*, trad. Helen Sebba (Baltimore: John Hopkins Press, 1978 [1960]); Fernando Ortiz, *Los Negros Brujos. La Hampa Afro-Cubano* (Miami: Ediciones Universal, 1973 [1906]); Martha Beckwith, *Black Roadways: A Study of Jamaican Folk Life* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1929); Jean Price-Mars, *Ainsi Parle l'Oncle* (Port-au-Prince: Imprimerie de Compiègne, 1938); Rómulo Lachatañere, *¡Oh mío, Yemanjá* (Manzanillo, Cuba: Editorial El Arte, 1938); *El Sistema Religioso de los Lucumís e otras influencias Africanas en Cuba* (Havanna, 1940); Gonzalo Aguirre Beltrán, *La Población Negra del México* (Mexico: Ediciones Fuente Cultural, 1946); Lorenzo D. Turner, *Africanisms in the Gullah Dialect* (Chicago: University of Chicago Press, 1973 [1949]); Maya Deren, *Divine Horsemen: The Living Gods of Haiti* (New York: McPherson & Co, 1970 [1953]).

<sup>4</sup> Veja, por exemplo, Maurice Delafosse, *Haut-Sénégal-Niger*, 3 vols. (Paris: Elarose, 1912); Charles Monteil, "Les empires du Mali: Étude d'histoire et de sociologie soudanais," B.C.E.H.S.A.O.F., xii, (1929): 291-447; Adolphe Ihle, *Das alte Königreich Kongo* (Leipzig: Verlag der Werkgemeinschaft, 1929), W.E.B. DuBois, "The suppression

se no que os autores daquele tempo consideravam importante, como as manifestações culturais oriundas da África Ocidental, as dos yourubas e de Dhomé, em detrimento de elementos da África Central, de mais difícil compreensão.

Publicações acadêmicas que revolucionaram o campo de estudos da diáspora africana a partir dos anos 1960, prosseguindo pelos 1980, chamaram atenção sobre a forte contribuição demográfica de centro-africanos no comércio escravo. O estudo pioneiro de Philip Curtin, *The Atlantic Slave Trade: A Census* (O comércio de escravos do Atlântico: um censo), foi a primeira tentativa séria de dar uma estimativa aproximada do número de africanos escravizados que foram para as Américas. Foi na verdade o primeiro trabalho que revelou a forte presença centro-africana. Todavia, isso não contribuiu para o surgimento de mais pesquisas sobre as tradições culturais da África Central, já que os historiadores econômicos, interessados no estudo do comércio de escravos e seu impacto nas economias da Europa e das Américas, dominaram o campo das investigações. Assim, seguindo os estudos empreendidos por Curtin, outros trabalhos do gênero destacaram a organização econômica do tráfico, padrões de investimento e lucro, a demografia escrava, mortalidade e impacto econômico do comércio na África, Europa e Américas.<sup>5</sup> Os melhores estudos forneceram tabelas e gráficos sofisticados que calculavam o número de escravizados africanos que vieram para as Américas, discutiam a lucratividade do comércio (ou sua inexistência) e incluíam um leque de tabelas demográficas, descrevendo a degradação e morte associadas à *Passagem do Meio* (travessia do Atlântico) e os sistemas de plantações nas Américas. Outros estudos, cobrindo vários aspectos da organização e administração das fazendas, focalizando mais a história social do que cultural, também surgiram durante os anos 1970 e 1980.<sup>6</sup>

A ênfase na demografia do comércio de escravos continuou até meados dos anos 1990, com os estudos de David Eltis, Martin Klein – o CD-room com os Dados do Comércio Transatlântico de Escravos, e os Dados para o Estudo de História e Genealogia Afro-Louisiana. Além disso, um grande número de

---

of the African slave trade in the United States," in *Harvard Historical Studies*, Vol. 1 (Cambridge: Harvard University Press, 1896); Carter G. Woodson, *The Negro In Our History*, 8. ed. (Washington, DC: The Associated Press [1945]).

<sup>5</sup> Philip D. Curtin, *The Atlantic Slave Trade: A Census* (Madison: University of Wisconsin Press, 1969); Eric Williams, *Capitalism and Slavery* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1944); Herbert S. Klein, *The Middle Passage: Comparative Studies in the Atlantic Slave Trade* (Princeton: Princeton University Press, 1978); Joseph Inikori e Stanley Engerman, eds., *Forced Migration: The Impact of the Export Slave Trade on African Societies* (London: Hutchinson, 1981); Joseph Miller, *Way of Death: Merchant Capitalism and the Angolan Slave Trade, 1730-1830* (Madison: The University of Wisconsin Press, 1988); Patrick Manning, *Slavery and African Life: Occidental Oriental, and African Slave Trades* (New York: Cambridge University Press, 1990).

<sup>6</sup> Veja, por exemplo, Richard Sheridan, *The Development of the Plantations to 1750: An Era of West Indian Prosperity 1750-1775, Chapters in Caribbean History*, 1 (Barbados: Caribbean University Press, 1970).

pesquisadores que Paul Lovejoy arregimentou para o seu projeto sobre o Comércio de Escravos do Interior da Nigéria (York University, Canadá) e o projeto em andamento, sobre o Comércio Escravo patrocinado pela Unesco, prometem fornecer um perfil ainda mais rico da formação demográfica dos africanos envolvidos pelo comércio de escravos do Atlântico.<sup>7</sup> Embora esses trabalhos tenham contribuído para trazer este tema para a linha de frente acadêmica, a ênfase na demografia negligenciou um pouco os aspectos etnográficos e antropológicos. Portanto, a oportunidade de lidar com a dimensão cultural – tratando de temas como resistência, contestação, criouliização<sup>8</sup> – e com as transformações das crenças africanas e práticas culturais nas Américas receberam relativamente pouca atenção.

Dos estudos que surgiram dos anos 1960 aos 1980 alguns trataram de questões culturais e políticas. Entre os temas destacados estavam as comunidades quilombolas africanas, africanos que retornaram à África, elementos africanos nas religiões da diáspora, estudos regionais e antologias da continuidade cultural africana no mundo Atlântico, afro-americanos no período anterior à guerra civil no sul dos Estados Unidos e conceitos de criouliização. A pesquisa sobre as culturas escravas e seus antecedentes africanos que surgiram durante essas duas décadas pedia principalmente para as fontes americanas (no caso América do Norte, muitos dos quais vieram de registros do Works Project Administration, ou WPA), enquanto os trabalhos sobre a cultura escrava caribenha basearam-se, sobretudo, em fontes dos séculos XIX. Pesquisadores brasileiros também se apoiaram principalmente em fontes do mesmo século ou em estudos de campo do começo do século XX.<sup>9</sup> Essas estratégias de pesquisa tendiam a enfatizar

<sup>7</sup> David Eltis, Stephen D. Behrendt, David Richardson e Herbert S. Klein, eds. *The Trans-Atlantic Slave Trade: A Database on CD-Room Set and Guidebook* (New York: Cambridge University Press, 1999); Gwendolyn Midlow-Hall, ed. *Database for the Study of Afro-Louisiana History and Genealogy: A Compact Disk Publication* (Baton Rouge: Louisiana State University, 1999); David Eltis, *The Rise of African Slavery in the Americas* (New York: Cambridge University Press, 2000); Herbert S. Klein, *The Atlantic Slave Trade* (New York: Cambridge University Press, 1999).

<sup>8</sup> O termo *creole* tem uma variedade de significados. Em Inglês, *creole* refere-se tanto a descendentes de colonizadores europeus no Caribe ou América Central quanto a pessoas de descendência mestiça de europeu e africano. Em português, o termo *crioulo* (*creole*) refere-se a pessoas de descendência européia nascidas nas Américas, um africano nascido no Brasil, e um dialeto português falado na América e em algumas regiões da África, por exemplo, em Cabo Verde. Para uma discussão mais ampla do termo *Creole*, veja Philip Baker e Adrienne Bruyn, *St. Kitts and the Atlantic Creoles* (Westminster: University of Westminster Press, 1998).

<sup>9</sup> R.K. Kent, "Palmares: an African state in Brazil", *Journal of African History*, 6: 2 (1965): 161-175; Richard Price, *Maroon Societies: Rebel Slave Communities in the Americas* (New York: Anchor Press/Doubleday, 1973); Pierre Verger, *Fluxo e refluxo de tráfico de escravos entre o Golfo de Benin e a Bahia de Todos os Santos, dos séculos XVII a XIX* (São Paulo: Curripio, 1987 [1968]); Roger Bastide, *The African Religions of Brazil*, trad. Helen Sebba (Baltimore: John Hopkins Press, 1978 [1960]); Charles Joyner, *Down by the Riverside: A South Carolina Slave Community* (Urbana: University of Illinois Press, 1984); Sidney Mintz e Richard Price, *An Anthropological Approach to the Afro-American Past: A Caribbean Perspective* (Philadelphia: Institute for the Study of Human Issues, 1976), Michael L. Conniff e Thomas J. Davis, eds. *Africans in the Americas: A History of the Black Diaspora* (New York: St. Martin's Press, 1994).

mais as práticas culturais visíveis da África Ocidental do que as não tão visíveis da África Central.

Novos estudos com ênfase na cultura que surgiram nos anos 1990 são muito mais completos e têm prestado muito mais atenção na origem africana das culturas afro-diaspóricas. De fato, eles deram a impressão de uma virtual “corrida do ouro” nesse campo da história. Esses estudos vêm indicando uma mudança crucial no pêndulo, de uma superênfase no comércio de escravos e estudos do universo agrícola para um interesse em lingüística comparativa, religião, política, arqueologia, música e nas tradições da arte performática, que são os legados das comunidades afro-diaspóricas na África e nas Américas.<sup>10</sup>

Entre os conceitos mais importantes provenientes desses estudos estão as noções de um “sistema do Atlântico Sul”,<sup>11</sup> a idéia do “Atlântico Negro” (as contribuições afro-americanas ao desenvolvimento do mundo industrial moderno e o surgimento de muitas das idéias associadas à ocidentalização e modernidade).<sup>12</sup> Entretanto, em todos eles, a África permanece na periferia.

As contribuições mais estimulantes concentram-se na África e no papel dinâmico desempenhado por escravos nascidos na África, na criação e desenvolvimento de culturas afro-diaspóricas nas Américas. Alguns estudos acadêmicos como o de John Thornton, que lidam com as manifestações de ideologia política africana e as instituições culturais na formação do “mundo Atlântico”, têm demonstrado a conexão de eventos envolvendo africanos escravizados e seus descendentes nas Américas com determinados grupos étnicos e acontecimentos na África. Em particular, o que todos esses estudos sugerem é a revitalização dos modelos existentes de análise da diáspora africana, especialmente as dimensões culturais.<sup>13</sup>

<sup>10</sup> Veja entre outros, Michael Mullin, *Africa in America: Slave Acculturation and Resistance in the American South and the British Caribbean, 1736-1831* (Chicago: University of Illinois Press, 1992); Gwendolyn Midlow-Hall, *Africans in Colonial Louisiana: The Development of Afro-Creole Culture in the Eighteenth Century* (Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1992); Luiz Mott, *Rosa egípcia: uma santa africana no Brasil* (Brasil: Editora Bertrand 1993); João José Reis e Flávio dos Santos Gomes, eds. *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil* (São Paulo: Companhia das Letras, 1996); Robert Slenes, *Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava no Brasil Sudeste, século XIX* (Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1999); Maureen Warner-Lewis, *Trinidad Yoruba: From Mother Tongue to Memory* (Jamaica: The University of West Indies Press, 1997); Jay Havisser, ed. *African Archaeological Sites in the Caribbean* (Princeton, NJ: Markus Wiener, 1999); Sylviane A. Diouf, *Servants of Allah: African Muslims Enslaved in the Americas* (New York: New York University Press, 1998); Michael Gomez, *Exchanging Our Country Marks: The Transformation of African Identities in the Colonial and Antebellum South* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1998); William S. Pollitzer, *The Gullah People and their African Heritage* (Athens: University of Georgia Press, 1999).

<sup>11</sup> Philip D. Curtin, *The Rise and Fall of the Plantation Complex: Essays in Atlantic History* (New York: Cambridge University Press, 1990).

<sup>12</sup> Aqui os trabalhos de Darrity e Bailey ampliaram o papel do comércio de escravizados na contribuição à industrialização da Europa que Eric Williams pioneiramente enfatizou. Paul Gilroy, *The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness* (Cambridge: Harvard University Press, 1993).

<sup>13</sup> Veja, por exemplo, John Thornton, “I Am the subject of the King of Congo”: African Political Ideology and the Haitian Revolution,” *Journal of World History*, 4:2 (1993): 181-213.

Outros, como o retrato feito por Michael Gomez de como os africanos tornaram-se afro-americanos (uma abordagem inspirada em trabalhos de Sterling Stuckey), têm nos fornecido as primeiras abordagens concretas de como várias dinâmicas culturais se fundiram para influenciar a formação identitária e as tradições culturais entre as populações afro-diaspóricas nas Américas e na África. O mesmo ocorre com a acurada análise de J. Lorand Matory dos processos de transculturalização ocorridos no Brasil e na África Ocidental. Esse autor argumenta que os viajantes do Atlântico Negro, comerciantes e padres tiveram um papel crucial na construção de identidades nacionais tanto na África quanto no Brasil. Ao situar sua pesquisa nos afro-brasileiros, dentro do amplo contexto Atlântico, retomou a questão articulada por Paul Gilroy referente ao papel dos africanos na formação e transformação da cultura atlântica. Sua pesquisa oferece um modelo para quem quiser tentar entender o processo de formação cultural e adaptação ao mundo atlântico durante a era do comércio de escravos.<sup>14</sup>

Apesar de ainda ser evidente o interesse nas origens da África Ocidental, muitas pesquisas destacam a dimensão da África Central. Entre esses estão os estudos elaborados por Mary C. Karasch (1987), Winnifred Vass e Joseph Holloway (1979), Robert Farris Thompson (1983) e John K. Thornton.<sup>15</sup>

## A ÁFRICA CENTRAL E A DIÁSPORA ATLÂNTICA

O interesse geral e o conhecimento da história e do impacto cultural dos centro-africanos na diáspora Atlântica está muito aquém do dedicado à África Ocidental. O principal problema que um pesquisador enfrenta ao tentar identificar as contribuições dos centro-africanos é que, durante o período do comércio de escravizados, as diferentes regiões recebiam porcentagens distintas de grupos étnicos africanos, e até agora ninguém se debruçou na difícil e demorada tarefa de identificar as diferentes misturas étnicas existentes.

De qualquer modo, como as pesquisas sobre a demografia do comércio de escravos demonstraram, os centro-africanos estavam em todas as regiões. Na verdade, eles representavam quase 45% ou aproximadamente 5 dos 11 milhões de africanos importados como escravos para as Américas entre 1519 e 1867.<sup>16</sup>

<sup>14</sup> Veja, por exemplo, "The English Professors of Brazil: On the diasporic roots of the Yoruba nation," *Comparative Studies in Society and History*, 41:1 (1999): 72-103.

<sup>15</sup> Winnifred Vass e Joseph Holloway, *The Bantu-Speaking Heritage of the United States* (Los Angeles: UCLA Center for Afro-American Studies, 1979); Robert Farris Thompson, *Flash of the Spirit: African and Afro-American Art and Philosophy* (New York: Random House, 1983). Mary C. Karasch, *Slave Life in Rio de Janeiro, 1808-1850* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1987); John K. Thornton, "I Am the subject of the King of Congo".

<sup>16</sup> Veja o capítulo "África Central durante a era do comércio de escravizados, de 1490 a 1850" de Joseph C. Miller neste livro.



Algumas regiões tiveram maior peso do que outras em relação ao número de centro-africanos que receberam. O Brasil, por exemplo, foi o principal importador de escravizados africanos oriundos da África Central. Durante o período em que este comércio era legal entre África e Brasil, foram importados entre 3,5 e 3,6 milhões de escravos originários da África Ocidental e da parte ocidental da África Central.

Estudos de David Eltis (1995) e Joseph Miller (1992) e as estimativas aproximadas disponibilizadas do banco de dados de Harvard sugerem que mais da metade dos escravizados – 15 mil por ano até 1790 – que alcançaram a região sudeste do Brasil, entre 1595 e início de 1800, procedia da parte ocidental da África Central. Esse banco de dados, porém, não representa uma fonte definitiva para a questão do comércio escravocrata ou das populações envolvidas.

A importância demográfica dos africanos escravizados e seus descendentes das regiões de Congo-Angola no Brasil equipara-se à sua preponderância nas práticas sociais, religiosas e culturais emergentes dentre as populações africanas em algumas partes da colônia. Por exemplo, antes de 1820, africanos livres e escravizados e seus descendentes oriundos da África Central constituíram a maioria da liderança nas irmandades mulatas e negras – as únicas organizações legais que cuidavam dessas populações. Essas irmandades serviram de incubadoras de diversas religiões e outras tradições culturais que vieram a ser associadas aos afro-brasileiros.

Apesar dessa presença extraordinária dos centro-africanos no Brasil colonial e do fato da cultura inicial afro-brasileira ter sido em grande parte proveniente da África Central, poucos estudos têm detalhado esse processo em profundidade.<sup>17</sup> As pesquisas que lidam especificamente com a cultura enfatizam a contribuição dos africanos ocidentais no intuito de dar conta de sua habilidade em preservar os elementos africanos na cultura crioula do Brasil. Muitos dos estudos antropológicos focalizam quase que exclusivamente os praticantes de religiões afro-brasileiras, sobretudo os que praticavam a religião dos Orixás, de cultura yoruba na Bahia.<sup>18</sup>

O estudo de Raymond Kent sobre Palmares, publicado em 1965, e os mais recentes de Mary C. Karash (1987), Stuart B. Schwartz (1992), Robert W. Slenes (1995, 1999) e Robert Anderson (1996) foram os primeiros em língua inglesa a examinarem o papel crucial dos escravos provenientes de Angola-

<sup>17</sup> Veja, por exemplo, Patricia Mulvey, "Black brothers and sisters: membership in the black brotherhoods of colonial Brazil," *Luso-Brazilian Review*, 17:2 (1980): 253-279.

<sup>18</sup> Ver nota de rodapé 9.

Congo no Brasil até o século XIX.<sup>19</sup> Kent, Schwartz e Anderson especificamente detectaram características político-religiosas fundamentais de origem centro-africanas associadas a Palmares, o maior e mais bem-sucedido quilombo que prosperou no nordeste brasileiro, durante boa parte do século XVII.<sup>20</sup> Embora encorajadores, esses não são os livros mais abrangentes sobre a questão, sobretudo porque não dão conta das contribuições centro-africanas para a história e cultura afro-brasileiras. O esforço de colaboração requerido para avançar nesse campo de pesquisa somente agora está dando seus primeiros passos. Tais obras em conjunto nos permitiriam dar conta da “continuidade e elaboração das formas culturais centro-africanas”, não somente em relação aos quilombos, mas também em relação à sociedade colonial como um todo.

Gerhard Kubik, um antropólogo cultural que conduziu uma pesquisa de campo no Brasil e em Angola, é um dos poucos pesquisadores especializados em África Central, que se concentrou nos aspectos centro-africanos em diversas instituições culturais brasileiras. Ele identificou um grande número de características com essa origem e também de origens angolanas na música, jogos e danças contemporâneas brasileiras.<sup>21</sup> Outros livros publicados nos anos 1980 e 1990 têm chamado atenção para essas influências em formas de artes urbanas, tais como a capoeira, o teatro, o carnaval, a língua, o folclore e festivais populares como as congadas (Schreiner, 1977 [1993]). Alguns desses estudos, todavia, concentram-se no século XX mais com o objetivo de atender ao crescente interesse pela cultura popular brasileira do que pela preocupação com aspectos mais sérios das origens dessas transformações culturais.

Estudos recentes sobre essas influências em outras áreas das Américas têm salientado vários temas. Entre os mais importantes estão os estudos sobre etnia, identidade e questões tais como: em que medida a cultura africana influenciou as culturas afro-diaspóricas e americanas. No banco de dados sobre escravos e no de população livre de Louisiana entre 1719-1820, que Gwendolyn Middelw-Hall publicou recentemente, por exemplo, observa-se que dos 8.840 africanos identificados etnicamente (entre as 18 etnias listadas), a predominância era do

<sup>19</sup> Kent, “Palmares, an African State in Brazil”; Mary C. Karash, *Slave Life in Rio de Janeiro* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1987); Stewart B. Schwartz, *Slaves, Peasants and Rebels: Reconstructing Brazilian Slavery* (Urbana e Chicago: University of Illinois Press, 1992); Robert W. Slenes, “Malungu, Ngome Vem!” “África encoberta e descoberta no Brasil”. *Cadernos do Museu da Escravatura*, 1 (Luanda: Ministério da Cultura, 1995); Robert W. Slenes, *Na senzala, uma Flor* (1999); Robert Nelson Anderson, “The Quilombo of Palmares: A new Overview of a Maroon State in Seventeenth Century Brazil,” *Journal of Latin American Studies*, 28:3 (1996): 546-566.

<sup>20</sup> Veja nota de rodapé 19.

<sup>21</sup> Gerhard Kubik, “Extensionen afrikanischer kulturen in Brasilien,” in *Wiener Ethnohistorische Blätter*, Heft 21 und 22 (Wien: Institut für Völkerkunder, Universität Wien, 1981).

Congo, os quais totalizavam 3.035 ou 34,3% de todas as etnias computadas.<sup>22</sup> Dados da Baixada da Carolina do Sul para o período entre 1730 e 1744 demonstram que os centro-africanos totalizavam 73,7% da população escrava inicial naquela região. O fato de que muitos desses escravos constituíram novos grupos em diversas áreas do sul dos Estados Unidos sugere uma presença cultural significativa da África Central. Todavia, ainda são poucos os livros disponíveis que examinam o impacto cultural centro-africano na América do Norte.<sup>23</sup>

A importância demográfica desses povos escravizados nas Américas de língua espanhola só foi menor do que ocorreu no Brasil. Esses africanos predominaram na América espanhola na primeira parte do século XVII e representavam uma porcentagem considerável dos escravizados transportados para Cuba no período de 1817 a 1843.<sup>24</sup> Aqui, novamente, são raros os estudos sobre a contribuição da cultura africana e as formas em que etnia e identidade se transformaram. Onde existem referências como no caso da santeria afro-cubana, a ênfase tem sido nos aspectos mais visíveis e populares dos elementos da cultura yoruba.<sup>25</sup> Lydia Cabrera escreveu muito sobre as raízes da África Central de Palo Mayombe, embora sem qualquer reconhecimento das origens africanas.<sup>26</sup> Os dois volumes publicados por Armin Schwegler sobre as raízes centro-africanas das línguas e ritos ancestrais entre os descendentes de comunidades quilombolas de San Basilio, na Colômbia, demonstram o rico potencial da abordagem lingüística para os historiadores.<sup>27</sup>

O Haiti também recebeu um grande número de centro-africanos escravizados. Sua presença foi particularmente notável durante o século XVIII: nas vésperas da Revolução Haitiana, escravizados centro-africanos eram pouco mais da metade dos 400 mil africanos na colônia. A contribuição africana na cultura haitiana, assim como no Brasil, tem sido objeto de grandes investigações acadêmicas e populares.<sup>28</sup> Ainda assim, apesar de um grande número de trabalhos re-

<sup>22</sup> Gwendolyn Midlow-Hall, *The Louisiana Slave Database and the Louisiana Free Database, 1719-1820* (Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1992).

<sup>23</sup> Para alguns estudos mais aprofundados, veja, por exemplo: Robert Farris Thompson e Joseph Cornet, *The Four Moments of the Sun: Kongo Art in Two Worlds* (Washington, DC: National Gallery of Art, 1981). Este estudo, há muito tempo tem chamado a atenção da comunidade acadêmica e não acadêmica para essa presença centro-africana, sem ter a pretensão de fazer história; Margaret Washington Creel, *A Peculiar People: Slave Religion and Community Culture Among the Gullah* (New York: New York University Press, 1988), tem avançado com um argumento convincente, neste caso, sobre os laços entre a cultura Gullah e seus antecedentes na Serra Leoa.

<sup>24</sup> Veja Curtin, *The Atlantic Slave Trade: A Census*, pp. 113 e 247.

<sup>25</sup> Veja, por exemplo, os artigos relevantes em Margaret Fernández Olmos e Lisabeth Paravisini-Gebert, eds., *Sacred Possessions: Vodú, Santería Obeah, and the Caribbean* (New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1997).

<sup>26</sup> Lydia Cabrera, *Reglas de Congo: Paolo Monte Mayombe* (Miami: Florida Peninsular Print, 1979).

<sup>27</sup> Armin Schwegler, *Chi ma "Kongo": Lengua y Rito Ancestrales en el Palenque de San Basilio (Colombia)*, 2 vols. (Madrid: Iberoamericano, 1996).

<sup>28</sup> Veja, por exemplo, Melville Herskovits, *Life in a Haitian Valley* (New York: Knopf, 1937), e David Geggus, *Slavery, War, and Revolution: The British Occupation of Saint Domingue, 1793-1798* (London: Oxford University Press, 1982).

centes de africanistas<sup>29</sup> sobre a interpenetração profunda de elementos culturais centro-africanos e crenças no vodu, os elementos culturais ioruba e de Dahomé no vodu haitiano se destacam.<sup>30</sup>

Curiosamente, várias obras sobre o Caribe de língua inglesa têm se preocupado em identificar as retenções culturais africanas na região. O grande número de africanos escravizados que os ingleses importaram para aquela região e a existência de comunidades quilombolas em lugares como a Jamaica têm permitido perceber que aspectos religiosos e lingüísticos africanos e outras características se tornaram lugar-comum. Isso demonstra que o Caribe é uma área atraente para pesquisadores dedicados aos estudos sobre continuidades culturais africanas nas Américas.<sup>31</sup> O fato de fazendeiros ingleses recrutarem um número significativo de africanos livres ou alforriados como trabalhadores contratados após 1840 e seus descendentes reafricanizarem as emergentes culturas crioulas em localidades como Guiana, Trinidad, e de certo modo Jamaica, tem contribuído para manter muitos costumes africanos vivos.

Centro-africanos, que perfaziam 15,4% dos escravizados importados para o Caribe britânico, e que também constituíam a maioria dos africanos livres que permaneceram na região caribenha, impregnaram de memórias seus descendentes. Em especial, sobre a vida na África, a captura, a experiência da passagem pelo Atlântico e as tradições de adaptações culturais que ainda estão presentes naquelas comunidades.<sup>32</sup> É neste legado que antropólogos, arqueólogos, historiadores da música, lingüistas e historiadores em geral têm penetrado para destacar a presença proeminente de centro-africanos no Caribe.<sup>33</sup> Aqui, a ênfase na África Central oferece uma oportunidade para estudiosos aplicarem o conceito de “reafricanização” nas áreas que receberam grande fluxo de africanos escravizados cujas tradições culturais absorveram as das gerações pioneiras.

Uma das maiores falhas nos estudos disponíveis é que ainda nos contam muito pouco sobre como identidades e etnias africanas foram transformadas nas Américas, e ainda deixam em aberto a questão: em que medida a cultura

<sup>29</sup> Veja as publicações de John Thornton, esp. “Les racines du Vaudou: Religion Africaine et société Haïtienne dans la Saint-Domingue pré-révolutionnaire”, *Anthropologie et société*, 22:1 (1998); veja também Luc de Heusch, *Le roi de Kongo et les montres sacrés: Myths et Rites Bantous* 111 (Paris: Gallmard, 2000); John Jansen, *Lemba, 1650-1930: A Dream of Affliction in Africa and the New World* (New York: Garland, 1982).

<sup>30</sup> Veja, por exemplo, Karen McCarthy Brown, “Systematic remembering, systematic forgetting: Ogou in Haiti,” in Sandra T. Barnes, ed. *Africa's Ogou: Old World and New* (Bloomington: Indiana University Press, 1997), pp. 64-89; Wade Davis, *The Serpent and the Rainbow* (New York: Simon and Schuster, 1985).

<sup>31</sup> Veja, por exemplo, Melville Herskovits, *Trinidad Village* (New York: Harper & Bros, 1947).

<sup>32</sup> David Eltis, David Richardson e Stephen D. Behrendt, “The structure of the Atlantic slave trade, 1595-1867,” Artigo apresentado no encontro da Social Science History, Chicago, 1995, p. 33.

<sup>33</sup> Veja Monica Schuler, *Alas, Alas, Kongo: A Social History of Indentured African Immigration into Jamaica, 1841-1865* (Baltimore: John Hopkins University Press, 1980).

africana formatou as culturas afro-diaspóricas e americanas?<sup>34</sup> Há ainda muito a ser pesquisado sobre etnia africana e mudança cultural na África durante o período do comércio atlântico de escravos. Por exemplo, além dos trabalhos pioneiros de Joseph Miller e John Thornton, a maioria dos estudos históricos sobre a África Central durante o período do comércio escravocrata não foi além dos estudos anteriores que examinaram o papel dos portugueses na destruição das sociedades africanas como resultado das práticas do tráfico negreiro.<sup>35</sup> A maioria das publicações desse período se concentra em destacar lideranças africanas, mecanismos de escravização e mudanças econômicas e políticas<sup>36</sup> em detrimento da história cultural da região. Isso é surpreendente, considerando que, no final do comércio Atlântico (1867), uma porcentagem significativa de centro-africanos que partiram da região como escravizados participou ou pelo menos foi influenciada pela cultura afro-portuguesa (crioula) que emergiu dentro e fora das comunidades portuguesas.

Ira Berlin avançou a discussão, tentando mostrar recentemente que as culturas crioulas<sup>37</sup> que caracterizaram as primeiras comunidades escravas na América do Norte (e que acabaram influenciando as populações afro-diaspóricas posteriores) tiveram raízes profundas em acontecimentos anteriores à presença dos escravizados africanos nas Américas. Berlin afirma que as culturas da América crioula tiveram seu nascimento nas comunidades que se formaram em volta dos fortes e povoados europeus na parte costeira da África, e que essas comunidades propiciaram a matriz básica para as culturas afro-americanas escravas.<sup>38</sup> Certamente essa visão deve ser considerada em qualquer análise sobre a identidade e etnia escravas nas Américas.

A grande questão que ainda requer atenção, todavia, é saber em que medida a origem cultural africana e as noções de etnia e identidade orientaram as culturas escravas afro-diaspóricas e americanas. A questão divide a comunidade acadêmica. Um grupo de estudiosos argumenta que as sociedades africanas eram tão

<sup>34</sup> *Ibid.*

<sup>35</sup> Veja, por exemplo, James Duffy, *Portuguese Africa* (Cambridge: Harvard University Press, 1959), pp. 49-58; Basil Davidson, *Black Mother* (Boston: Little Brown, 1961), pp. 116-50; Basil Davidson, *Angola's People: In the Eye of the Storm* (Garden City, New York: Doubleday, 1972), pp. 80-92.

<sup>36</sup> Joseph Miller, *Kings and Kinsmen: Early Mbundu States in Angola* (Oxford: Clarendon Press, 1976); John Thornton, *The Kingdom of Kongo: Civil War and Transition, 1641-1718* (Madison: University of Wisconsin Press, 1983); Beatrix Heintze, *Studien zur Geschichte Angolas im 16. und 17. Jahrhundert, Ein Lesebuch* (Colônia: Rüdiger Köppe, 1996).

<sup>37</sup> Ira Berlin, *Many Thousands Gone: The First Two Centuries of Slavery in North America* (Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1998).

<sup>38</sup> Este ponto de vista parte de análises existentes dos antropólogos Sidney Mintz e Richard Price, que, em *The Birth of African-American Cultures* (Boston: Beacon Press, 1992), localizaram o desenvolvimento das sociedades crioulas ajustadas no sistema de *plantation* nas Américas.

fragmentadas e que o impacto do comércio escravo e a agricultura eram tão destrutivos que isso impediu a continuação das culturas africanas nas Américas.<sup>39</sup> Argumento contrário aponta que as identidades e etnias africanas eram tão importantes que influenciaram o processo de criouliização nas Américas.<sup>40</sup>

Em vários aspectos, a África Central fornece uma contribuição interessante ao debate, em contraste bastante diferenciado à África Ocidental, onde muitas regiões (em Serra Leoa e no delta do Níger, por exemplo) coexistiram, mesmo em áreas menores, amplas diferenças de idioma, grupo étnico e cultura. Já a África Central representou uma região amplamente homogênea do ponto de vista lingüístico e cultural. Esse fator é reforçado pela presença contínua de uma comunidade euro-peia e afro-euro-peia em contato cultural e comercial com muitos povos da região (por exemplo, o reino do Congo), que resultou numa herança cultural mista com poucos paralelos na África Ocidental (Cabo Verde é uma exceção).

Por causa das profundas raízes crioulas, a contribuição centro-africana nas tradições afro-diaspóricas pode ter sido menos dramática e visível do que os elementos culturais yorubas e fons, os quais pareciam mais africanos (exóticos) para os pesquisadores, e conseqüentemente, mereceram maior atenção.

Este livro explora quais elementos da cultura centro-africana sobreviveram e por quê. Para isso, localiza tradições e mudanças culturais na África. Reavalia o conceito de criouliização da forma como tem sido aplicado em relação à diáspora africana e fornece exemplos exaustivos das tradições culturais da África Central no Brasil.

*Diáspora negra no Brasil* difere das obras citadas anteriormente, sobretudo por ser o primeiro livro abrangente a examinar as forças sociais e culturais que orientaram o comércio escravo da África Central e por investigar em que medida as tradições dessa região foram bem-sucedidas ao reproduzirem-se e transformarem-se nas Américas. Os capítulos fornecem relatos atualizados da África Central durante o período do comércio de escravos, oferecendo novas perspectivas sobre como acontecimentos locais, regionais e internacionais na região determinaram e influenciaram as condições das Américas. Eles destacam os fatores responsáveis pela exportação de quase cinco milhões de centro-africanos escravizados e explicitamente apontam as expressões mais importantes das tradições cristãs do oeste da África Central.

Estas contribuições redefinem a questão da criouliização, enfatizando a adaptação e a síntese cultural entre alguns africanos provenientes da parte ocidental

<sup>39</sup> Veja, por exemplo, Mintz e Price, *The Birth of African-American Cultures*.

<sup>40</sup> Para este tipo de perspectiva veja o trabalho de John K. Thornton citado na nota de rodapé n. 13.

da África Central, antes de partirem da África, e documentam a presença de etnias da região nas Américas. Finalmente, a obra identifica tradições culturais específicas que passaram da África Central para as Américas e examina os conceitos de história, memória e invenção na diáspora africana.

A obra oferece um fórum para análises de questões essenciais ao estudo da diáspora africana. Avança em modelos que ajudam a explicar como centro-africanos escravizados e seus descendentes foram bem-sucedidos em integrar vários elementos de sua cultura da África Central aos oriundos da África Ocidental e Europa, contribuindo para formar as várias culturas dinâmicas da diáspora africana que são características das sociedades americanas.

## PANORAMA GERAL E ESTRUTURA DOS CAPÍTULOS

O livro está dividido em duas partes. A primeira engloba três capítulos que focalizam sociedades da África Central durante a era do comércio de escravos. O objetivo desses textos é priorizar as questões de etnia, tradições culturais e criouliização. Joseph Miller abre essa seção e investiga “o que as pessoas que viviam na África Central pensavam sobre si mesmas e os diversos mundos em que viviam durante o período do comércio de escravos”, além dos padrões de escravização que levaram à captura e exportação de milhões de centro-africanos para as várias regiões das Américas. John K. Thornton oferece uma visão compacta da história das culturas religiosas nativas na África Central. Ele explicita como essa história foi escrita, como essas tradições interagiram com crenças e práticas cristãs, e identifica os aspectos dessas tradições que tendiam a ser reproduzidos nas comunidades diaspóricas das Américas. O capítulo de Linda Heywood sobre criouliização na África Central encerra a primeira parte. A autora desafia a idéia de que a criouliização era uma manifestação de adaptação e síntese cultural específica das Américas ao detalhar processos semelhantes na África Central. Demonstra detalhes de como um número considerável de escravizados estava exposto à cultura crioula antes mesmo de sua partida para sociedades agrícolas americanas. Esses textos sobre a África Central devem levar os pesquisadores a repensar a forma como lidam com as origens africanas, problematizando conceitos de criouliização e reconceitualizando as razões que apresentaram para explicar como as várias tradições culturais africanas se reproduziram com sucesso sob as condições da escravatura. A questão pertinente é que, se os centro-africanos já traziam com eles uma tradição cultural crioula, por que os estudiosos não colocam a mesma ênfase em compreender a natureza

da interação entre as tradições culturais africanas e européias assim como o fazem ao detalhar o êxito de algumas tradições culturais africanas em sobreviver dentro das condições da escravidão?

Essas e outras questões constituem o foco dos ensaios apresentados na segunda parte. Nessa seção, os textos cobrem as várias áreas geográficas, apresentam uma ampla cobertura cronológica rica em detalhes históricos e introduzem argumentos originais referentes às adaptações culturais, identidade e memória. E demonstram detalhadamente que, mesmo forçados a se estabelecerem nas fazendas, nas regiões mineradoras, portos e centros urbanos em que espanhóis, franceses e ingleses estabeleceram-se nas Américas, os centro-africanos lembravam e se baseavam em suas tradições culturais para interagirem entre si e com os nativos da África Ocidental, mantinham relações contínuas com as tradições culturais européias e forjaram um novo senso de comunidade.

Os três capítulos da segunda parte salientam casos específicos de centro-africanos no Brasil ao explorarem as conexões entre resistência cultural, identidade étnica e resistência política. O primeiro, de Mary C. Karash, documenta minuciosamente a força demográfica, econômica e a vida social dos centro-africanos em Goiás, à época, uma região remota do Brasil central. A autora afirma que esses centro-africanos e seus descendentes, que viviam a centenas de quilômetros da costa litorânea, foram capazes de reter ambas as tradições culturais e memórias da África Central.

O capítulo seguinte, de Elizabeth Kiddy, explora em profundidade a idéia de memória ao problematizar o significado histórico do termo *reis do Congo* com o qual os pesquisadores costumavam identificar grupos de líderes afro-brasileiros ligados a festas brasileiras, competições e rebeliões armadas. Examina os diferentes tipos de referência aos reis do Congo, questionando o significado atribuído às diversas situações em que os reis aparecem. Na realidade, Kiddy questiona em que medida essas referências representam memórias vivas do histórico reinado de Congo e até que ponto elas permeiam o espaço conceitual daquilo que alguns pesquisadores chamam de “invenção da tradição”.

A contribuição de Robert Slenes, que encerra este livro, não deixa nenhuma dúvida sobre a origem centro-africana dos escravizados que participaram da “Grande Greve do Crânio do Tucuxi”. Aqui nos deparamos com a espiritualidade da África Central utilizada de forma dinâmica para estabelecer um espaço em que os centro-africanos impuseram seu próprio sentido de ordem.